

Aproximações da Escola Nova com as Metodologias Ativas: Ensinar na Era Digital

The New School Approaches using Active Methodology: Teaching in the Digital Era

Samira Favez Kfoury*^{ab}; Gilberto Carmo de Moraes^a; Osmar Pedrochi Junior^a; Maria Elisabette Brisola Brito Prado^{ac}

^aUnopar, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias. PR, Brasil.

^bUniversidade Anhanguera de São Paulo, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Matemática. SP, Brasil.

^cUniversidade Anhanguera de São Paulo, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Matemática. SP, Brasil.

*E-mail: samira.kfoury@unopar.br

Resumo

A Escola Nova, movimento que representou uma revolução educacional entre os séculos XIX e XX, impulsionou transformações no campo educativo em diversas partes do mundo por considerar, em suas metodologias, a individualidade dos educandos no processo de ensino e aprendizagem, deslocando a figura central do professor para o estudante. Esse movimento ganhou força por considerar os interesses e necessidades de aprendizagem de cada um, transferindo ao aluno a autonomia para a construção do conhecimento. Tendo como principal característica a aprendizagem ativa, de modo que o aluno possa aprender pela experiência e pela prática. Esse movimento perdeu força no Brasil devido às políticas públicas, mas também pela dificuldade de levar essa concepção educacional para toda a população, devido aos seus critérios de personalização e à necessidade de trabalhar com poucos alunos por turma, em sala de aula. Já no século XXI, com a expansão dos recursos tecnológicos, surgem novamente as tendências da utilização de metodologias ativas, em que, pela tecnologia aliada ao processo pedagógico, é favorável um ensino personalizado e ativo, assim como no ideário escolanovista. Portanto, a fim de colaborar com a compreensão das necessidades educacionais atuais, centradas no aluno, esta pesquisa tem como objetivo principal analisar as metodologias ativas e suas relações com a tendência pedagógica escolanovista. A análise dessas aproximações pauta-se pelo método de pesquisa bibliográfica, pois envolve a compreensão de uma tendência pedagógica de séculos passados e a compreensão do novo contexto educacional que, culturalmente, está totalmente inserido na era digital.

Palavras-chave: Ensino. Tecnologia. Tendência Pedagógica.

Abstract

The New School, a movement that represented an educational revolution between the 19th and 20th centuries, stimulated changes in the educational field in different parts of the world, because it considered the learner's individuality during the teaching and learning process, shifting the central figure from teacher to student. This movement gained strength by considering the interests and needs of each student, transferring to the student the autonomy for building knowledge. The main characteristic of this method is the active learning, in which the student learn by the experience and the practice. This movement lost strength in Brazil due to public policies, but also because of the difficulty to apply this educational concept to the entire population, since personalization criteria requires the need of few students per class. In the 21st century, the expansion of technological resources brought again attention to the use of active methodologies. Thanks to technology allied to pedagogical process, a personalized and active teaching is favored, as well as in Escolanovista's ideology. Therefore, in order to collaborate with the understanding of the current educational needs, this research has, as main objective, the analysis of active methodologies and their relation to Escolanovista's pedagogical tendency. The analysis of these approaches was based on literature review, since it involved the pedagogical trends knowledge from past centuries plus the understanding of the new educational context fully inserted in the digital era.

Keywords: Teaching. Technology. Pedagogical Tendency.

1 Introdução

A Escola Nova foi uma tendência pedagógica que surgiu mediante grandes questionamentos e críticas ao modelo de ensino tradicional. Os métodos do ensino tradicional não estavam de acordo com as necessidades sociais que emergiam devido às transformações impulsionadas pela expansão da industrialização no final do século XIX e início do século XX. As mudanças exigiam um novo tipo de formação por parte da escola, capaz de atender as novas demandas organizacionais, e que fosse diferente dos modelos mecânicos e repetitivos do ensino tradicionalista. Exigia-se, então, uma formação que priorizasse a capacidade reflexiva, crítica e autônoma do aluno para a solução de problemas diversos.

O ensino tradicional se baseia na aula expositiva e nas demonstrações do professor à classe de aula aos alunos. O docente, nesse modelo, já traz o conteúdo pronto, e o aluno se limita a ouvi-lo de forma passiva. A avaliação é realizada visando à reprodução do conteúdo transmitido pelo professor. Dificilmente as necessidades de aprendizagem dos alunos são identificadas, visto que o professor é o centro do processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, a tendência é tratar os alunos como se todos aprendessem da mesma forma e tivessem o mesmo ritmo de aprendizagem (MIZUKAMI, 1986).

Em oposição a esse modelo, a escola nova defende que o centro do processo de ensino e aprendizagem deve descolar-se do professor para o aluno, de forma que ele possa ser

protagonista de sua aprendizagem e aprender ativamente e, assim, desenvolver a autonomia necessária, desvinculando-se da mera transmissão de informações do ensino tradicional. Para isso, a Escola Nova reivindica uma metodologia capaz de considerar a individualidade e as necessidades de aprendizagem de cada educando, pois cada aluno possui características de aprendizagem diferentes. De acordo com Luzuriaga (1971), os métodos da Escola Nova assentavam-se no caráter individual do trabalho escolar, contrapondo-se aos métodos de ensino massivo da escola tradicional.

Vários autores levantaram a bandeira em defesa desse movimento, destacando-se, John Dewey, Maria Montessori, Jean-Ouvide Decroly, Freinet, entre outros. No Brasil, também vários autores defenderam o movimento: Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, entre outros. A Escola Nova propôs mudanças significativas no processo educacional. De acordo com Cambi (1999), esse movimento impulsionou uma reviravolta na concepção de ensino, ao considerar o respeito à personalidade de cada aluno no processo de ensino e aprendizagem.

Assim, a Escola Nova passa a advogar uma pedagogia que procura entender os alunos segundo suas condições individuais de desenvolvimento. Com a descoberta dessas condições, concebeu-se uma ciência unitária da criança, a pedologia, que aos aspectos biológicos, psicológicos e educativos procurava considerar num só conjunto. Assim, surge uma nova atitude, em ensaios que confluíram para a criação da pedagogia experimental ou, mais exatamente, da didática experimental (LOURENÇO FILHO, 1978). Trata-se de uma pedagogia voltada ao aprender fazendo, pois, vivenciando de maneira prática e, acima de tudo, ativa, os alunos podem desenvolver-se com mais autonomia.

De acordo com Horn e Staker (2015), a tecnologia, aliada aos processos pedagógicos, permite que os estudantes aprendam a qualquer momento, em qualquer lugar e em larga escala. Permite, portanto, alcançar níveis que seriam proibitivamente caros sem os recursos digitais. Tais recursos possibilitam ao estudante avançar rapidamente, se já aprendeu um conceito; parar, se precisar assimilar alguma coisa; ou voltar e rever algum conteúdo que ele ache necessário. Logo, torna-se imperativo respeitar seu ritmo de aprendizagem. Os autores ressaltam que a tecnologia fornece aos alunos formas simples de tomar diversos caminhos para chegar a um destino comum.

A maioria das escolas, mesmo hoje, mantém-se nos moldes tradicionais de ensino, e observa-se que a concepção de grande parte de educadores e alunos é que o estudante aprende ouvindo, de forma passiva, as explicações do docente. No Brasil, em pleno século XXI, o processo de ensino e aprendizagem ainda é baseado na quantidade de horas que o aluno permanece na escola e não na aprendizagem propriamente dita. Assim, as demandas organizacionais pressionam por mudanças que levem ao desenvolvimento do

educando. Se, de um lado, no século XIX e XX, já se exigia um aluno com capacidade reflexiva e habilidades práticas, no século XXI, a necessidade de transformação da escola como um todo é ainda mais forte.

No contexto educacional do século XXI, por meio da emergente concepção de metodologias ativas, são impulsionadas formas e métodos educacionais voltados a atender as novas demandas da educação. As metodologias ativas recorrem aos princípios pedagógicos da Escola Nova, remodelando e potencializando os métodos de ensino e aprendizagem escolanovistas.

2 Desenvolvimento

2.1 Metodologia

Foram utilizados referenciais bibliográficos para o levantamento das informações necessárias a fim de atender os objetivos da pesquisa, que é caracterizada como uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Esse método, segundo Cerro, Bervian e Silva (2007), tem o objetivo de explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em livros, artigos e teses, que permitem analisar as contribuições culturais ou científicas do passado a determinado assunto.

O objetivo desta pesquisa foi analisar as metodologias ativas e suas relações com a tendência pedagógica escolanovista frente a novas propostas de ensino e aprendizagem, que emergem no contexto educacional atual; e que anunciam mudanças de processos no modo como se ensina e se aprende com a utilização de tecnologias aliadas ao processo pedagógico.

A pesquisa pauta-se pela literatura produzida sobre os temas analisados. A coleta de informações sobre o escolanovismo foi alicerçada nas obras dos principais autores que impulsionaram o movimento, bem como livros de história da educação e da pedagogia. Em relação às metodologias ativas, a análise foi realizada tendo como fonte, literaturas sobre as novas demandas educacionais do século XXI.

Para analisar de forma comparativa a Escola Nova e as metodologias ativas, foi identificado nas bases teóricas da Escola Nova e das metodologias ativas, aspectos que são convergentes entre ambas tendências, sendo assim, foi escolhido critérios de análise que observa-se que as metodologias ativas potencializam os princípios da Escola Nova.

Godoy (1995) orienta que não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações. Dessa forma, para a compreensão dos fenômenos que emergem na educação, e que estão relacionados com a concepção de ensino centrado no aluno, é indispensável a análise bibliográfica do que já foi produzido na área da educação, a fim de compreender novas tendências educacionais que utilizam a tecnologia para sustentar propostas de ensino também centradas no aluno.

2.2 Discussão

2.2.1 Princípios pedagógicos da Escola Nova

A Escola Nova não é apenas um tipo de escola, ou um determinado sistema didático, mas um conjunto de princípios, que visam rever as formas tradicionais de ensino (LOURENÇO FILHO 1978; LUZURIAGA 1971). Dessa forma, a escola nova defende que o comportamento do educando deve ser colocado em destaque, e recorre às noções provenientes da psicologia: “alma, espírito, faculdades, aptidões, hábitos, interesses, ajustamento, personalidade”. Assim, as técnicas educativas partem de interferências nas formas de pensar, agir e sentir do educando, “seja para acentuá-las ou reforçá-las ou, ao contrário alertá-las, contê-las ou combiná-las em novos padrões” (LOURENÇO FILHO, 1978, p.60).

Considerando que a renovação escolar por meio do movimento escolanovista, entre os séculos XIX e XX, versa sobre uma educação que acompanhe as necessidades sociais, é necessário um novo tipo de ensino, o qual conceba:

[...] a aprendizagem como processo de aquisição individual, segundo condições personalíssimas de cada discípulo. Os alunos são levados a aprender observando, pesquisando, perguntando, trabalhando, construindo, pensando e resolvendo situações problemáticas que lhe sejam apresentadas [...]. Deste modo, o ensino ativo transfere o mestre do centro de cena para nele colocar o educando, visto que é este que importa em sua formação e ajustamento, ou na expansão e desenvolvimento de sua personalidade (LOURENÇO FILHO, 1978, p.151).

A revolução escolar pelo movimento escolanovista defende que o estudante precisa tornar-se protagonista de sua aprendizagem, pois, pela observação, pela pesquisa e pela resolução de problemas, o aluno pode desenvolver uma aprendizagem mais ativa. Os novos métodos voltados à centralidade do processo de ensino e aprendizagem levaram a uma reviravolta radical na educação, colocando no centro da criança, as suas necessidades e capacidades (CAMBI, 1999). Portanto, em relação aos métodos escolanovistas, Aranha (2006) destaca a importância do direcionamento das atividades centradas nos alunos com o objetivo de incentivá-los a desenvolver iniciativa, proatividade e autonomia. A autora argumenta:

Tentando superar o viés intelectualista da escola tradicional, são valorizados os jogos, os exercícios físicos, as práticas de desenvolvimento da motricidade e da percepção, a fim de aperfeiçoar as mais diversas habilidades. Também voltam para a compreensão da natureza psicológica da criança, o que orienta a busca de métodos para estimular o interesse sem cercear a espontaneidade (ARANHA, 2006 p.247).

O escolanovismo busca, pois, o desenvolvimento do educando a partir de suas características psicológicas naturais, que são aspectos ligados à própria individualidade do aluno, como ritmos e formas de aprendizagens. Fica evidente, então, a necessidade de uma escola que dê voz aos alunos e tenha princípios pedagógicos que respeitem seus ritmos e interesses próprios, bem como uma escola que dê oportunidade

aos alunos de vivenciarem, na prática, os conhecimentos adquiridos.

Para Lourenço Filho (1978 p. 73),

As aplicações com base no estudo das diferenças individuais são de grande alcance na ação educativa como técnica. Um dos erros da escola tradicional era conceber um tipo de criança em abstrato, uma criança de tipo ideal por todos os aspectos [...]. Daí, as formas de má aplicação do ensino, segundo critérios da lógica do adulto em relação ao material que se pretende ensinar sem atenção às condições de adequação psicológica. Hoje, o mestre sabe que está em face de educandos similares *em grupos*, mas todos diferentes entre si, e que, em consequência, terá de adaptar o ensino não só em relação às fases evolutivas, mas também às diferenças de cada aluno em particular.

A ação docente, portanto, não se restringe à mera transmissão de conteúdo e passa a auxiliar o aluno em momentos pontuais, nos quais é requerido pelo estudante, que, gradativamente, evolui passo a passo na construção do seu conhecimento. Assim, considerando o princípio de escola nova, as técnicas educativas devem ter um sentido cooperativo e progressivo. Isso envolve o respeito à personalidade do educando, ideia que se tornou pacífica entre os propugnadores da nova educação (LOURENÇO FILHO, 1978).

A construção do conhecimento exige um processo de reflexão em relação ao objeto de estudo. Para tanto, é preciso apoiar o ensino no estudo do comportamento e da experiência do educando. Dessa forma, segundo o autor, a aprendizagem está essencialmente relacionada com as estimulações externas. Sendo assim, na aprendizagem mediante condicionamento, são observadas mudanças de comportamento em que certo estímulo, antes indiferente ou neutro, passa a ser atuante depois do exercício ou treino (LOURENÇO FILHO, 1978). No período de expansão da escola nova emergiam as concepções do estudo da psicologia com base da visão comportamentalista, justificando assim, o estudo do comportamento do educando mediante estímulos.

Os estímulos externos, apoiam o ensino baseado na experiência do educando, pois o objetivo de aprender algo é essencialmente prático, assim, cada aluno aprende o que deve ser feito e, nesse caso, o ritmo de cada aluno é respeitado, pois, independentemente de uns aprenderem mais rápido ou mais devagar, todos aprendem fazendo. Assim, conforme citado anteriormente, um comportamento passa a ser atuante (aprendido com mudanças comportamentais).

[...] estudo experimental da natureza da criança que dá ênfase, em particular, às atividades sensório-motoras da criança que devem ser desenvolvidas seja por meio de exercícios de vida prática (vestir-se, lavar-se, comer etc.) seja por meio de um material didático cientificamente organizado (encaixes sólidos, blocos geométricos materiais para o exercício de tato, do senso cromático, do ouvido etc.) (CAMBI, 1999, p 531).

“A criança deve desenvolver livremente suas próprias atividades para amadurecer todas as suas capacidades” (CAMBI, 1999, p.532). Nesse sentido, é importante que a

escola não ofereça aos alunos conteúdos prontos, mas que os estimule a raciocinar de forma crítica na produção de novos conhecimentos.

Segundo Cambi (1999, p. 532), para Montessori, “[...] a criança deve agir por si e receber estímulos e solicitações, sobretudo, do ambiente e não diretamente do adulto”. Dessa forma, evidenciam-se a descentralização do professor e o direcionamento dos conteúdos escolares serem focados nas necessidades individuais, para que os alunos possam desenvolver suas capacidades e levá-las à vida prática, tendo mais condições de atuar na sociedade.

Em relação ao escolanovismo nos Estados Unidos, John Dewey foi um dos grandes influenciadores do movimento e tornou-se um dos maiores pedagogos americanos, contribuindo de forma marcante para a divulgação dos princípios da Escola Nova. Para ele, as ideias são hipóteses da ação e, como tal, são verdadeiras à medida que funcionam como orientadoras da ação”. Dewey fundou uma escola experimental em Chicago no final do século XIX, pela qual pretendia estimular a atividade dos alunos para que eles aprendessem fazendo (ARANHA, 2006).

A concepção pedagógica de John Dewey foi uma das mais importantes teorias que embasaram o movimento escolanovista. Seus métodos e experimentos valorizavam os aspectos individuais dos educandos, e, ao mesmo tempo, reconheceu as características de desenvolvimento através da aprendizagem, que relacionou com o desenvolvimento da sociedade, pois, para ele, “[...] a escola não é uma preparação para a vida, senão que é a própria vida” (LUZURIAGA, 1971, p.249). Portanto, a vida, a experiência e a aprendizagem não se separam, e a função da escola é “[...] possibilitar a reconstrução continuada que a criança faz da experiência” (ARANHA, 2006, p. 262).

Nesse aspecto, de acordo com Aranha (2006, p. 262),

[...] a pedagogia de Dewey é rica em aspectos inovadores e sua principal marca encontra-se em oposição à escola tradicional, na relação estreita entre teoria e prática, na valorização das ciências experimentais, não só para fundamentar a psicologia infantil, mas também como conteúdo cognitivo importantes para as atividades escolares.

Os aspectos que norteiam a concepção de Dewey na escola nova são essenciais para o desenvolvimento do educando em relação ao processo de ensino e aprendizagem, porque os mecanismos psicológicos do aluno exigem um processo de construção. Desse modo, o ensino baseado nos seus interesses e aptidões devem ser reconhecidos e respeitados pelo docente para que ele possa apoiar e incentivar a autonomia do aluno. Assim, Dewey soma sua teoria de aprendizagem, considerada inovadora, com o movimento de escola nova, contribuindo de maneira significativa para o processo educacional, visto que, através da concepção escolanovista, reconhece-se que cada educando é portador de características individuais e que, para seu desenvolvimento, é necessário que o ensino incentive a aprendizagem pela experiência (o aprender fazendo).

2.2.2 Princípios pedagógicos das metodologias ativas

O conceito de metodologia ativa está relacionado à participação do aluno no processo de sua própria aprendizagem, ou seja, quando ele trilha os caminhos para a construção do conhecimento. Essa autonomia estimula a capacidade reflexiva dos educandos, que, bem direcionada pelo docente, contribui para o desenvolvimento individual e intelectual do estudante.

A concepção de que o aluno aprende ao ouvir explicações do professor de forma passiva é denominada por Freire (1987, p.33) de educação bancária. O autor traz uma crítica a concepção bancária e afirma que:

[...] conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em ‘vasilhas’, em recipientes a serem ‘enchidos’ pelo educador. Quanto mais vá ‘enchendo’ os recipientes com seus ‘depósitos’, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente ‘encher’, tanto melhores educandos serão.

O argumento do autor descreve uma escola tradicionalista, que anula e subestima a capacidade do estudante de criar, refletir e desenvolver-se, visto que não é incentivado a pensar produtivamente na construção do conhecimento. O conceito de metodologia ativa vem contrapor esse modelo de educação, considerando o aluno como centro do processo de ensino e aprendizagem, de forma que ele seja ativo e protagonista de sua aprendizagem.

Para tanto, deve-se dar voz aos educandos e estimular a dialogicidade, incentivando uma aprendizagem colaborativa; “[...] o aluno precisa ultrapassar o papel passivo, de escutar, ler, decorar e de repetidor fiel dos ensinamentos do professor e tornar-se criativo, crítico, pesquisador e atuante, para produzir conhecimento” (BEHRENS, 2013, p.77). Para que isso ocorra, é necessário que o aluno tenha uma relação de proximidade com o docente, que possibilita uma nova forma de interação, diferente do modelo tradicional, pois o professor deixa de ser o detentor do conhecimento e passa a ser parceiro do aluno, podendo ser considerado uma equipe de trabalho (KENSKI, 2012).

O sistema de ensino baseado na concepção de educação bancária cria um distanciamento entre professor e aluno, porque, como o docente é o centro do processo de ensino, pouco consegue se aproximar das necessidades de cada aluno. As metodologias ativas permitem que o aluno assuma a responsabilidade pelo seu próprio processo de aprendizagem. Dessa forma, a aprendizagem se torna mais significativa, visto que, assim, eles encontram sentido nas atividades.

É fundamental considerar que os estudantes, ao encontrar significado nos objetos de aprendizagem, podem desenvolver-se com maior autonomia. Na concepção de ensino tradicional, há estímulos, muitas vezes, extrínsecos à sua realidade. Enquanto os aspectos motivacionais nas metodologias ativas são valorizados, contribuindo com a motivação intrínseca e estimulando o interesse pela aprendizagem.

É importante entender “[...] os interesses e paixões de cada aluno e seus talentos, sua história e seu contexto”, pois “[...] aprendemos mais e melhor quando encontramos significado para aquilo que percebemos [...]” (MORAN, 2015, p.30-31). O envolvimento do educando no processo de aprendizagem, juntamente com o processo dialógico e colaborativo, possibilita mudanças de processos diferentes das do ensino tradicional. Ao se envolver, “[...] o aluno deixa de ser mero espectador, ao contrário do que ocorre na ainda comum estrutura de aula em que, durante a maior parte do tempo, o professor explica os conteúdos e o estudante o recebe” (SCHNEIDER, 2015, p.75).

Em pleno século XXI, com todos os aparatos tecnológicos e demandas reais de mudança no modelo de ensino, o papel do professor ainda é caracterizado basicamente por aula expositiva, e o papel do aluno é apenas ouvir passivamente. O modelo de aula expositiva continua sendo frequente e prejudica o potencial do educando que poderia ser incentivado a aprender a aprender de forma autônoma. Como, na maioria das escolas, o método utilizado é o sistema tradicional, as provas também são elaboradas para identificar a quantidade de informações que o aluno adquiriu durante um período determinado. Esse modelo de ensino bem como as formas de avaliação se tornaram métodos obsoletos na sociedade e precisam ser remodelados para atender as diversas necessidades sociais.

É preciso, portanto, adotar metodologias nas quais os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados. Assim, as atividades devem ser planejadas e dosadas de modo que contribuam para mobilizar as competências desejadas, intelectuais, emocionais pessoais e comunicacionais. Dessa maneira, o educando é estimulado a pesquisar, avaliar situações, pontos de vista diferentes, fazer escolhas, assumir alguns riscos, aprender pela descoberta, caminhar do simples para o complexo (MORAN, 2015).

Esse contexto exige um novo tipo de professor. Isso envolve repensar o planejamento, de modo que seja mais dinâmico e envolva o aluno, levando-o a refletir, criar e aprender ativamente. É essencial que a sala de aula seja um ambiente que propicie troca de ideias entre professor e aluno, bem como alunos com alunos, proporcionando ao professor condições de exercer sua real função, a de facilitador e mediador da aprendizagem. O termo facilitador da aprendizagem é cunhado por Carl Rogers, e para o autor, o facilitador é a pessoa, ou grupo de pessoas que, favorece a outros a possibilidade de entrar em maior contato com suas próprias vivências (ROGERS, 1983).

Atualmente, os recursos tecnológicos permitem o acesso às informações de forma rápida e a qualquer momento, como livros, vídeos, teleaulas, *webaulas* e diversos aplicativos com grande capacidade de armazenamento de informações. Sendo assim, a atividade do professor pode ser mais direcionada para

ajudar os educandos na construção de conhecimentos, pois neste momento histórico, existem inúmeras ferramentas que podem, de forma pedagógica, substituir a função docente de transmissor de informações, para que ele possa, então, ser o facilitador da aprendizagem do aluno.

É fundamental considerar que pensar no aluno como centro do processo de ensino e aprendizagem não é algo novo, assim como visto no capítulo anterior. Entretanto, na atualidade, os recursos tecnológicos podem ser aliados do processo pedagógico, potencializando as alternativas de ensino centradas no aluno. Centralizar o ensino e aprendizagem no aluno envolve a compreensão de suas necessidades de aprendizagem, portanto, o processo de personalização é fundamental para que cada aluno consiga construir conhecimento dentro do seu ritmo e modo de aprender. Personalizar o ensino, sem o uso de tecnologia, pode ser uma tarefa muito difícil para o docente em sala de aula, mas os meios tecnológicos permitem que

[...] os estudantes recebem ajuda individual de um professor, em vez de ensino em massa para um grupo, os resultados são geralmente muito superiores. Isso faz sentido, visto que, nessa situação, os professores podem fazer de tudo, desde ajustar seu ritmo, se estiverem indo muito rápido ou muito devagar, a reformular uma explicação ou fornecer um novo exemplo ou uma nova abordagem para fazer um tópico ganhar vida para o estudante. [...] Uma abordagem personalizada também implica que os estudantes possam ter uma experiência de aprendizagem individual quando necessitam, mas possam participar de projetos e atividades de grupo quando isso for melhor para sua aprendizagem (HORN; STAKER, 2015, p.9).

O processo de personalização torna-se, portanto, mais possível nos dias de hoje. Considerando que o estudante tem condições de aprender por meios midiáticos, o professor pode ter mais condições de filtrar e programar atividades ajustando conteúdos de acordo com a necessidade de cada estudante. Esse processo permite que o docente atue de forma pontual nas dúvidas dos alunos, que, sendo sanadas, possibilita ao educando passar para outra fase sem deixar lacunas em sua aprendizagem, o que contribui para o seu crescimento individual e intelectual.

2.2.3 Análise Comparativa entre a Escola Nova e as Metodologias Ativas

A autonomia do aluno nos processos de ensino e aprendizagem ganhou grande destaque no discurso da escola nova e, segundo Luzuriaga (1971), essa autonomia se dá ao atribuir ao aluno a realização de tarefas e atividades: “[...] a ideia da autonomia dos alunos se aplica hoje em quase todos os tipos de educação, com o atribuir-lhes a realização de certas tarefas ou atividades” (LUZURIAGA, 1971, p.241). Dewey (2002), em defesa de seus ideais e, conseqüentemente, dos ideais da escola nova, também defende que o desenvolvimento da autonomia do aluno deve ser orientado à luz da vida prática, por isso defende que a escola deve ser como a própria vida do educando, isto é, uma escola que ensine através da

experiência e da ação como se fosse a vida real.

Na escola nova, os alunos eram incentivados a realizarem tarefas e atividades práticas como método central, porque isso desenvolve a autonomia do aluno. Contudo, o conteúdo na tendência escolanovista era direcionado pelo docente, que tinha o passo a passo do que era necessário que o aluno aprendesse. Consequentemente, o controle da aprendizagem do educando ainda estava nas mãos do docente, que era a principal fonte das informações.

Nas metodologias ativas, o conceito de autonomia ultrapassa o conceito de autonomia da escola nova, pois, além do estímulo através da aprendizagem pela experiência e pela prática, o aluno pode ser protagonista e gerador de conhecimento. Isso é possível pelo fácil acesso às informações disponíveis, atualmente, através das tecnologias digitais, que permitem que o aluno avance nos conteúdos e construa novos conhecimentos sem que o docente controle o passo a passo da aprendizagem. Assim, o controle da aprendizagem está nas mãos do próprio aluno, que tem mais autonomia para criar e produzir novos conhecimentos, sendo, então, o protagonista de sua aprendizagem.

Nesse sentido, as tecnologias digitais possibilitam um conhecimento mais aprofundado e desenvolvem competências para a era digital, “[...] como resolução de problemas, pensamento crítico, melhores habilidades de comunicação e gerenciamento do conhecimento” (BATES, 2016, p.151). Os educandos têm, pois, mais condições de gerenciar situações de alta complexidade “[...] que cruzam as fronteiras das disciplinas e áreas em que as fronteiras de conhecimento são difíceis de gerenciar” (BATES, 2016, p.151).

Portanto, a possibilidade de gerenciar o próprio conhecimento estimula o educando a sentirem-se co-responsáveis pela construção do conhecimento acerca do problema e de alternativas para a sua superação, o que diminui a percepção de controle externo para a realização da atividade, contribuindo assim, para a constituição gradativa de sua autonomia (BERBEL, 2011).

De acordo com Luzuriaga (1971, p.227), a escola nova é “[...] a corrente que trata de mudar o rumo da educação tradicional, intelectualista e livresca, dando-lhe sentido vivo e ativo”. A Escola Nova visa rever o ensino tradicionalista, e o ensino ativo “[...] veio opor-se à escola tradicional” (LOURENÇO FILHO, 1978, p.151).

Na mesma perspectiva, as metodologias ativas vêm contrapor o ensino tradicional massivo, de modo que o aluno “assuma um papel de aprendiz ativo e participante (não mais passivo e repetidor) [...]” (MASETO, 2013, p.150). Moran (2015) afirma que o ensino deve romper com o sistema de educação tradicional, e Bacich, Tanzi e Trevisani (2015) afirmam que as tecnologias digitais, aliadas ao processo de ensino e aprendizagem, podem proporcionar trabalhos educacionais significativos, de modo que os alunos não aprendam pelos moldes tradicionais. Schneider (2015) também analisa que o envolvimento do educado em processos de

ensino e aprendizagem colaborativo e dialógico possibilitam mudanças dos métodos do ensino tradicional.

Ambas as tendências buscam a ruptura do modelo de ensino massivo e tradicionalista. Mesmo em épocas distintas, as duas tendências apresentam proximidades em relação à mudança no ensino.

De acordo com os princípios da escola nova, o sistema de educação deve transferir o mestre do centro de cena e colocar o educando, visto que é este que importa em sua formação e ajustamento. A didática renovada escolanovista, além de criar mecanismos que inspirem a centralidade do educando nos processos educacionais, deve também contemplar nas metodologias condições de vida social e cultura (LOURENÇO FILHO, 1978).

As metodologias ativas, assim como na escola nova, têm como princípio a centralidade do aluno nos processos de ensino e aprendizagem. Como o aluno é o ator principal do sistema de educação, os métodos de ensino e aprendizagem devem ser conduzidos de maneira que atendam suas necessidades. Nesse sentido, as novas tecnologias têm facilitado a análise das informações sobre a aprendizagem do aluno, tendo maior controle sobre o que ele “[...] está aprendendo, suas necessidades, dificuldades e evolução – ou seja, significa centrar o ensino no aprendiz” (SCHNEIDER, 2015, p.69).

Dessa forma, de acordo com Moran (2015, p.34) podemos “oferecer propostas mais personalizadas, para cada estilo predominante de aprendizagem, monitorando-as e avaliando-as em tempo real [...]”. Schneider (2015, p.69) também relaciona a personalização com a aprendizagem centrada no aluno e afirma que “[...] pensando na personalização do ensino, os recursos digitais apresentam-se como grandes aliados do professor”.

A tecnologia permite que o professor passe instruções *on-line* e trabalhe propostas inovadoras. Uma dessas práticas bastante usadas em metodologias ativas é a abordagem de conteúdos baseada em projetos, a qual, além de ser mais atrativa para os estudantes (Pires, 2015).

Pires (2015) analisa que uma das vantagens das ferramentas digitais é a assincronia, que possibilita ao estudante aprender sem que o docente esteja no mesmo ambiente. Muitas vezes, o aluno tem dificuldades na hora de estudar sozinho, e um vídeo pode ser muito útil para o seu progresso. Além disso, as plataformas adaptativas geram relatórios para os professores que podem planejar estudos específicos para cada aluno.

Pelas referências, observa-se que a centralidade do aluno nas metodologias ativas alcança maior engajamento e participação do discente no processo de sua aprendizagem, pois pode ser beneficiado com *feedbacks* mais pontuais, favorecendo o processo de construção do conhecimento.

Um dos pontos que mais marcam os princípios da escola nova é o respeito às necessidades individuais dos educandos. Nesse aspecto, o processo de personalização é fundamental para que o professor consiga se aproximar do educando de modo que o ajude no processo de construção do conhecimento.

De acordo com Loureço Filho (1978), o professor precisa identificar aspectos da vida psicológica do educando. É preciso ter uma visão clara das necessidades de aprendizagem de cada aluno, para que, em cada caso, possa proporcionar ao aluno condições que atendam suas necessidades. Luzuriaga (1971) também concorda que os métodos da escola nova acentuam-se no caráter individual do processo educativo, e isso contrapõe os métodos passivos do ensino tradicional.

Esse princípio da escola nova também é um dos princípios das metodologias ativas e, segundo Moran (2015), as plataformas adaptativas permitem criar sequências didáticas com foco na aprendizagem do aluno, possibilitando acompanhar e planejar atividades de acordo com as necessidades individuais.

As plataformas adaptativas orientam os professores sobre como cada aluno aprende e sobre o estágio em que se encontra no processo de sua aprendizagem. Esses recursos mapeiam, monitoram e facilitam a aprendizagem prática e a experiência. O espaço físico da sala de aula pode ser modificado, e a escola precisa repensar os espaços quadrados por espaços mais abertos “[...] passando a ser mais centrado no aluno” (BACICH; TANZI; TREVISANI, 2015, p.35).

Conforme Horn e Staker (2015), com a utilização de tecnologia aliada ao processo pedagógico, é possível criar métodos de ensino e aprendizagem capazes de atender os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem do estudante. Nesse aspecto, a utilização de mídias digitais, como vídeos de aulas gravadas ou mesmo textos e materiais em rede aberta, permite que os alunos tenham contato com os conteúdos antecipadamente, podendo assistir vídeos e ler os materiais quantas vezes for necessário para a compreensão do conteúdo. Isso permite que o aluno tenha acesso às informações no seu ritmo e no seu tempo, liberando o professor da transmissão da informação e facilitando o processo de personalização.

Os princípios de Dewey influenciaram significativamente o movimento de escola nova e, em oposição ao ensino tradicional, propõe uma educação pela ação, pois, para ele, “O fim da educação não é formar a criança de acordo com modelos, nem orientá-la para ação futura, mas dar condições para que ela resolva por si própria os problemas” (ARANHA 2006, p. 262). Para Dewey, a escola não deve ser a preparação para a vida, mas a própria vida, por isso, vida, experiência e aprendizagem não se separam, e a função da escola é possibilitar a reconstrução continuada que a criança faz da experiência. Para o autor, a ênfase na educação não está no acúmulo do conhecimento, mas na capacidade de aplicá-lo às situações vividas. Portanto, a valorização da aprendizagem pela experiência adquire valor educativo e é necessária para as atividades escolares (ARANHA, 2006).

A “prática significa a reiteração dos esforços de quem aprenda no sentido de progressiva adaptação a uma situação qualquer e a novas situações que se ofereçam” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 91), portanto, “[...] a aprendizagem se caracteriza como variação do comportamento por efeito da

experiência” (LOURENÇO FILHO, 1978, p.90). Assim como na escola nova, o aprender fazer é fundamental para que o aluno seja ativo e participante da sua própria aprendizagem. Entretanto, com a utilização de tecnologias digitais na educação, os métodos ativos ganham força e favorecem a aprendizagem pela experiência.

Nesse sentido, “[...] o foco está em algumas das principais maneiras pelas quais a aprendizagem experiencial pode ser concebida e oferecida, com enfoque no uso da tecnologia e de maneira a ajudar o desenvolvimento do conhecimento em uma era digital” (BATES, 2016, p.141).

A combinação de aprendizagem, desafios e problemas reais “[...] é muito importante para que os alunos aprendam fazendo [...]” (MORAN, 2015, p.41). O autor ainda afirma que as metodologias ativas com o uso de tecnologias digitais facilitam a aprendizagem “[...] por meio de práticas, atividades, jogos, problemas, projetos relevantes do que da forma convencional, combinando colaboração (aprender juntos) e personalização (incentivar e gerenciar os percursos individuais)” (MORAN, 2015, p.42).

Na escola nova, o papel do professor “[...] deixa de ser central para acompanhar o trabalho dos alunos e animar as atividades escolares” (ARANHA 2006, p.262). Para Dewey, o professor não deve impor ideias à criança ou incentivar certos hábitos, mas, sim, selecionar as influências que agirão sobre o educando para ajudá-los a agir convenientemente a essas influências (ARANHA, 2006).

Nas metodologias ativas, o professor também deixa de ser a figura central e passa a ser o facilitador da aprendizagem do aluno. Nesse sentido, Moran (2015, p.42) afirma:

O papel do professor é mais o curador e de orientador. Curador, que escolhe o que é relevante em meio a tanta informação disponível e ajuda os alunos a encontrarem sentido no mosaico de materiais e atividades disponíveis. Curador, no sentido também de cuidador: ele cuida de cada um, dá apoio, acolhe, estimula, valoriza, orienta e inspira. Orienta a classe, os grupos e cada aluno.

A Internet, sem dúvida, é um recurso de aprendizagem múltipla que favorece “[...] buscar informações, a selecioná-las, a pesquisar, comparar dados, analisá-los, criticá-los e organizá-los” (MASETTO, 2013, p. 163), e o professor deve orientar os alunos sobre como direcionar o uso desses recursos para as atividades de pesquisa, busca, seleção e construção do conhecimento. Assim, para que a mediação pedagógica funcione, é imprescindível que o professor seja o mediador pedagógico (MASETTO, 2013).

O mundo moderno requer que um docente promova discussões, que estimule o protagonismo dos alunos e seja “[...] o mediador de crianças e jovens” (LIMA; MOURA, 2015, p. 91). Nessa concepção de aprendizagem, o professor é um arquiteto do conhecimento, e sua função é mostrar para os educandos as diferentes formas de construir o saber (LIMA; MOURA, 2015).

3 Conclusão

Ao iniciar o presente trabalho, tinha-se como objetivo central analisar as aproximações da escola nova com as metodologias ativas, comparando em quais sentidos essas tendências se encontram. Ambas as tendências, mesmo em períodos históricos distintos, têm como característica central métodos de ensino centrados no aluno. Entretanto, nas metodologias ativas há o diferencial das tecnologias digitais nos processos de ensino e aprendizagem. Dessa forma, foi proposto, na pesquisa, analisar se essas tecnologias podem potencializar os princípios da escola nova.

Para a realização deste estudo, primeiramente foram analisados os princípios da escola nova e seu contexto histórico. Por meio das referências utilizadas, observou-se que o movimento escolanovista ganhou força em diversos países por passar a considerar as diferenças individuais, bem como a aprendizagem ativa do aluno. Os autores consultados foram personagens que ganharam destaque na história devido às suas contribuições em prol das mudanças educacionais em meados do século XIX e XX. Os livros de história da educação e da pedagogia consultados na pesquisa deram bases para o entendimento da importância do movimento escolanovista e da pedagogia ativa para o sistema educacional e para a sociedade.

Após o estudo dos princípios escolanovista, foi realizada uma análise dos princípios pedagógicos das metodologias ativas e o papel da tecnologia digital a favor dessa tendência pedagógica. Observou-se, nos princípios pedagógicos das metodologias ativas, que a essência escolanovista, no que diz respeito à aprendizagem ativa e ao respeito às necessidades individuais dos alunos, faz-se presente também em sua concepção educacional. Entretanto, a análise comparativa feita nesta pesquisa, com base nas referências consultadas, mostra que os princípios pedagógicos escolanovistas são potencializados com a utilização das tecnologias digitais.

Os recursos tecnológicos em geral mudaram comportamentos sociais e, especificamente, as tecnologias digitais alteraram a maneira como se acessa informação atualmente, possibilitando alternativas diferenciadas para o processo de ensino e aprendizagem. A aprendizagem ativa, bem como o modo como acessamos informações hoje, possibilita mais autonomia ao aluno, melhores possibilidades de trabalho em equipe e aplicação prática do conhecimento.

O modelo econômico atual necessita de uma formação que estimule esses aspectos para comportar as novas demandas sociais, pois a cultura tecnológica alterou a forma de produção, e os trabalhos mecânicos e repetitivos não atendem mais as necessidades sociais. No período de expansão da escola nova, não havia os recursos disponíveis que há atualmente e já existia uma demanda por uma formação mais ativa, a fim de preparar os indivíduos para atender as necessidades sociais e econômicas. Entretanto, atualmente, no século XXI, as exigências são ainda maiores e as mudanças nos processos

de ensino e aprendizagem são urgentes, visto que, de maneira geral, o ensino tradicional ainda permanece como principal método educacional.

É notável as contribuições da escola nova para os processos educacionais. Seus ideias colaboraram significativamente com o processo de construção do conhecimento na área da educação, e por isso, influencia novas perspectivas educacionais de alta relevância para o aluno e para a sociedade. Portanto, rever esses princípios e comparar com as novas formas de aprendizagem ativa na atualidade, contribui significativamente com a expansão e disseminação das metodologias ativas, visto que estimula o desenvolvimento do educando além de contribuir com as necessidades sociais que emergem no século XXI.

Contudo, há muito o que se fazer para que as metodologias ativas sejam incorporadas nos processos educacionais nas escolas, principalmente no que diz respeito a formação docente. Atualmente, o ensino pode contar com o auxílio das tecnologias disponíveis, aliando-as ao processo pedagógico, pois esses recursos possuem características que favorecem a aprendizagem ativa dos alunos, bem como a personalização, atendendo as diferentes necessidades de aprendizagem dos educandos, dessa forma, potencializando a concepção de ensino e aprendizagem da escola nova.

Referências

- ARANHA, M.L.A. *História da educação e da pedagogia: geral e Brasil*. São Paulo: Moderna, 2006.
- AZEVEDO, F. *A cultura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1958.
- BEHRENS, M.A. Projeto de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, J.M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. (org.). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papyrus, 2013. p.73-140.
- BATES, T. *Educar na era digital: design, ensino e aprendizagem*. São Paulo: Artesanato educacional, 2016.
- BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F.M. (org.). *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BERBEL. N.A.N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. *Semina Ciênc. Soc. Hum.*, v.32, n.1, p.25-40, 2011. doi: <http://dx.doi.org/10.5433/1679-0383.2011v32n1p25>
- CAMBI, F. *História da pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999.
- CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A.; SILVA, R. *Metodologia científica*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2017.
- DEWEY, J. *A escola e a sociedade e a criança e o currículo*. Lisboa: Relógio D'água, 2002
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GODOY, A.S. A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas. *Rev. Adm. Empresas*, v.35, n.4, p.65-71, 1995.
- HORN, M.B.; STAKER, H. *Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

- KENSKI, V.M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, 2012.
- LOURENÇO FILHO, M.B. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- LUZURIAGA, L. *História da educação e da pedagogia*. São Paulo: Nacional, 1971.
- LIMA, L.H.F.; MOURA, F.R. O professor no ensino híbrido. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F.M. (org.). *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015. p.89-102.
- MORAN, J.M. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F.M. (org.). *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015. p.27-45.
- MASETTO, M. Mediação pedagógica e tecnologias de informação e comunicação. In: MORAN, J.M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2013. p.141-171.
- PIRES, C.F.F. O estudante e o ensino híbrido. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F.M. (org.). *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015. p.81-87.
- ROGERS, C. *Um jeito de ser*. São Paulo: EPU, 1983
- SCHNEIDER, F. Otimização do espaço escolar por meio do modelo de ensino híbrido. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F.M. (org.). *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015. p.67-80.
- TEIXEIRA, A. *Educação para a democracia: introdução à administração educacional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.